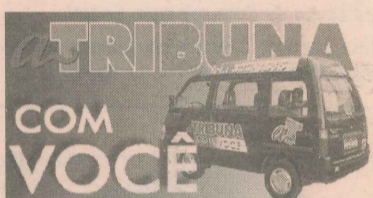
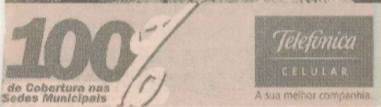


Um refúgio para o padre Anchieta

Há uma história de que o jesuíta, assustado com tempestade, teria sugerido parar na "ponta de fruta", dando o nome ao lugar



Os primeiros habitantes foram os pescadores, que há mais de 100 anos ergueram por lá suas casinhas de palha e estuque. Além da pesca, eles se dedicavam à plantação de milho, mandioca, banana e cana-de-açúcar.

Diz a lenda que em uma de suas viagens catequizadoras entre Vitória e a aldeia de Reritiba (atual cidade de Anchieta), o padre José de Anchieta teve que parar no meio do caminho por causa de uma tempestade.

Como o local onde parou para esperar a chuva passar não havia nenhuma cobertura, ele sugeriu às pessoas que o acompanhavam: "Vamos aportar ali, debaixo daquela ponta de fruta". A partir desta data, o local passou a ser conhecido como Ponta da Fruta.

Se esta história é mesmo verdadeira, os moradores antigos não sabem. O fato é que o balneário sempre foi cercado por pés de laranja, pitanga, caju, araçáúna e uma infinidade de outras frutas que eram utilizadas na alimentação dos primeiros habitantes.

No passado, a Ponta da Fruta era uma aldeia ligada à Barra do Jucu pela orla marítima e depois por uma trilha de pastos, mata de restinga, pequenas lagoas, areais e trechos alagadiços.

O aposentado Ulisses Gomes, 94 anos, ainda se recorda desta época. "Eu nasci aqui e meus avós e pais também. Meus pais tinham plantações e de vez em quando iam até o centro de Vila Velha para trocar os produtos por sabão, querosene, vela e sal", explicou.

A região era tão deserta que nem mesmo os pescadores tinham para quem vender seus peixes. "Somente na Quaresma é que as pessoas do interior vinham comprar com a gente, não sobrava quase nada".

A família do pescador Humberto da Conceição, 72 anos, também nasceu na Ponta da Fruta e até hoje seus parentes vivem por lá. Do passado, ele gosta de se recordar dos bailes e das rodas de congo.

"A banda de congo se chamava Nossa Senhora dos Navegantes e tocava sempre de sábado para domingo. Era só no 'tome gole, puxa o fole'. As meninas e as senhoras também gostavam de dançar", afirmou o velho pescador.

Tradição religiosa no mar

A devoção dos moradores católicos da Ponta da Fruta à Nossa Senhora dos Navegantes é comemorada todo ano com uma festa que emociona até mesmo os visitantes do balneário.

Entre os dias 2 e 4 de fevereiro, a imagem da santa é levada na igreja para os festejos, que incluem até uma procissão marítima.

De acordo com a coordenadora da Comunidade Católica Nossa Senhora dos Navegantes, Elzira Bongiovani de Figueiredo, a procissão pelo mar da Ponta da Fruta no ano que vem acontecerá no dia 4 de fevereiro, saindo às 17 horas.

Enquanto os barcos percorrem a orla, os fiéis farão o mesmo percurso por terra. Depois, será celebrada uma missa.

De acordo com o livro "Vila

Velha - onde começou o Estado do Espírito Santo", de Jair dos Santos, no início da década de 40, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial o sentimento de nacionalidade fez crescer no País uma agressividade contra os cidadãos alemães e italianos.

Sabendo disso, o imigrante Augusto Italiano correu para os amigos de confiança, pedindo proteção. Por se tratar de um estrangeiro considerado bom e inofensivo, sugeriram que ele se abrigasse no distante arrabalde de Ponta da Fruta. Ele foi e levou a mãe, já com câncer.

Para tentar salvá-la da doença, fez uma promessa à Nossa Senhora de construir uma bonita capela. Mesmo com o falecimento de sua mãe, o italiano cumpriu a promessa.